#OCUPAFFP

O PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO

E a nota de Karol

> "A delinqüência acadêmica se caracteriza pela existência de estruturas de ensino onde os meios (técnicas) se tornam os fins, os *fins* formativos são esquecidos; a criação do conhecimento e sua reprodução cede lugar ao *controle* burocrático de sua produção como suprema virtude, onde "administrar" aparece como sinônimo de vigiar e punir – o professor é controlado mediante os critérios visíveis e invisíveis de nomeação; o aluno, mediante os critérios visíveis e invisíveis de exame. Isso resulta em escolas que se constituem em depósitos de alunos, como diria Lima Barreto em "Cemitério de Vivos"." A Delinquência Acadêmica – Maurício Tragtenberg

É impressionante como a conjuntura e as forças em disputa podem mudar num curto espaço de tempo. A greve na FFP já era necessária desde o início de 2015 quando começamos a nos mobilizar em ato nas ruas como foi em maio quando nos concentramos em Laranjeiras e fomos em marcha até o Palácio Guanabara. No entanto, a UERJ optou por forçar acordos travados unicamente entre a ASDUERJ e o Estado, furtando-se de ampliar o debate sobre a crise estrutural que passamos. O papel do sindicato mais uma vez foi arrefecer a luta desmobilizando o ato e ao final trazendo cantos de vitória pelo primeiro contato feito com representantes do governo. Os que ainda estavam no ato rechaçaram o ar de vitória cantado pelos dirigentes sindicais saindo de lá apenas com promessas o que gerou tensões entre professores e estudantes, que obviamente se revoltaram contra o professorado ali presente. A essa altura os estudantes da FFP não podiam bancar uma greve, tampouco uma ocupação. Os setores ainda não teriam condições para se criar um espaço e forjar uma possível unidade de ação. Na única plenária que aconteceu antes do movimento de ocupação ouvimos dos professores que não haviam motivos para se fazer greve e que seríamos deselegantes ao fazer um barulhaço pelos corredores com o fim de mobilizar e discutir as questões da FFP com a estudantada. Ou seja, o professorado universitário quando muito têm pretensões reformistas, muito aquém de qualquer perspectiva revolucionária. O professorado materializa-se na universidade como burocratas do conhecimento. São administradores tal como quer o capital. Formam estudantes ouvintes e não pensadores críticos e intelectuais orgânicos. São os que estão acima na hierarquia acadêmica. São os que têm mais recursos e que dispõe de mão-de-obra estudantil para realizar suas pesquisas. São os que controlam os programas de pós-graduação e muitos deles dão aula em cursos pagos. Ou seja, são os que têm muitos privilégios. O estudante cumpre

prazos e demais demandas da universidade. Os seus patrões são os professores. Segundo Maurício Tragtenberg em "A Delinquencia Acadêmica",

"A universidade dominante reproduz-se mesmo através dos "cursos críticos", em que o juízo professoral aparece hegemônico ante os dominados: os estudantes. Isso se realiza através de um processo que chamarei de "contaminação". O curso catedrático e dogmático transforma-se num curso magisterial e crítico; a crítica ideológica é feita nos chamados "cursos críticos", que desempenham a função de um tranqüilizante no meio universitário. Essa apropriação da crítica pelo mandarinato universitário, mantido o sistema de exames, a conformidade ao programa e o controle da docilidade do estudante como alvos básicos, constitui-se numa farsa, numa fábrica de boa consciência e delinqüência acadêmica, daqueles que trocam o poder da razão pela razão do poder. Por isso é necessário realizar a crítica da crítica-crítica, destruir a apropriação da crítica pelo mandarinato acadêmico."

A conjuntura forçou os estudantes a se movimentar e ignorar o não dos professores e da burocracia acadêmica. A precariedade da unidade é tal que os que mais sentem são os que dispõem de menos recursos, como é o caso dos terceirizados. Além de tudo, a unidade não dispõe de bandejão, creche, livros atualizados na biblioteca, recursos para pesquisa e bolsas criando com isso condições muito mais favoráveis a evasão do que a permanência do estudante na universidade. Os estudantes reuniram-se em 27 de novembro de 2015 e construíram o Fórum de Lutas. O Fórum de Lutas dos estudantes da FFP surgiu como pauta de uma reunião entre segmentos do PSTU, PSOL, PT e independentes numa tentativa de se criar uma unidade frente às deliberações arbitrárias do REItor Vieira Alves, como, por exemplo, o fechamento da universidade diversas vezes alegando falta de dinheiro. O corte previsto para 2016 também influenciou nesse sentido. Os 46% a menos certamente comprometerá a comunidade acadêmica e principalmente os setores mais precarizados. Reuniram-se, portanto, no dia 27 de novembro cerca de 40 estudantes já iniciando ato público no dia 29 quando da realização do vestibular. A pauta fundamental do Fórum foi a ocupação da nossa unidade proposto a ser realizado logo após a assembléia comunitária do dia 30 de novembro quando estariam presente estudantes, técnicos e professores.

A assembléia do dia 30 de novembro contou com cerca de 300 participantes, sendo alguns técnicos e professores e a maioria estudantes. Colocamos como pauta a ocupação com piquete paralisando, portanto, o funcionamento normal da unidade, pois somente dessa forma entendemos que de fato promoveríamos uma ocupação. Os professores presentes colocaram-se contrários o que nem por isso comprometeu a

decisão dos estudantes de ocupar a unidade. Hoje é o décimo primeiro dia de ocupação e ainda assim não tivemos um contato real com o professorado da unidade em assembléia geral da FFP em nossa ocupação. No entanto, a categoria se reuniu no interior da unidade no dia 9 passando por cima das deliberações da ocupação mandando no máximo alguns representantes dar explicações aos ocupantes. Dessa forma, entendemos que há um descolamento das práticas no interior da ocupação havendo portanto a necessidade de se debater o caráter da ocupação e da universidade que estudamos e o espaço que criamos para tal são as assembléias da ocupação que acontecem diariamente às 19:00 horas no auditório principal da unidade. Isso quer dizer que a assembléia é soberana inclusive sobre a burocracia acadêmica. A burocracia acadêmica está suspensa em favor da democracia participativa que a ocupação está promovendo transformando a universidade no que de fato ela deve ser, democrática, participativa e popular. A universidade não deve servir para alimentar os vermes do capital materializado nas burocracias departamentais, nos conselhos departamentais, nos conselhos acadêmicos, colegiados, etc. Por isso, repudiamos declarações de professores como Eduardo Karol, professor do departamento de Geografia. Sabemos que ele apenas externalizou o que muitos ali pensam e que por acovardar-se falam entre bocas miúdas nos corredores. Eis a nota, digna de um colunista da Veja:

"Cada um tem a ocupação que merece!

Um grupo de estudantes – não representativo é claro da maioria dos 2600 que estudam na FFP hoje – ocupou a unidade. A ocupação é parte da estratégia da reitoria de não terminar o semestre e os aproveitadores internos a FFP que fazem oposição à direção (isso não é de hoje, a direção anterior sofreu o mesmo tipo de ação capitaneada pela reitoria).

Ficam lá na ilusão de criar democracia, pois se seus interesses não são atendidos (usar substâncias não permitidas, fazer festas para arrecadar fundos para o movimento estudantil, sic, entre outras ilusões). Estão trancafiados na unidade e não negociam os verdadeiros objetivos do movimento, pagamentos das bolsas estudantis, entre outras coisas. Pelo visto, a idéia de sexo, droga e pessoas estranhas a vida acadêmica pode ser notada. Se continuar a situação vamos ver o semestre terminado e os seus objetivos alcançados, não estudar! E no ano que vem cada estudante vai ter a ocupação que merece!"

Entendemos que declarações como essa antecipam a criminalização do movimento criando condições favoráveis a repressão. O movimento só tem sido possível devido a autorepresentação de cada indivíduo presente integrado

consequentemente a ocupação. Por isso, convidamos todos os demais estudantes da unidade a compor o movimento e a adesão tem sido maior a cada dia. Clamamos que cada estudante se auto-represente na ocupação. Para não cairmos em falácias como as de Karol é preciso estar presente nas disputas políticas e no dia a dia da ocupação com o intuito de desenvolver novas práticas. A tentativa de criminalizar o movimento e infantilizar os estudantes em luta tratando-os como delinqüentes ou como meros usuários de drogas ou como aqueles que fomentam a entrada de "pessoas estranhas a vida acadêmica" não passa de um mecanismo por demais desgastado por setores inconformados com outra dinâmica senão a burocracia acadêmica. A alternativa, tal como coloca Tragtenberg em seus estudos, "é a criação de canais de participação *real* de professores, estudantes e funcionários no meio universitário, que oponham-se à esclerose burocrática da instituição." E conclui:

"A autogestão pedagógica teria o mérito de devolver à universidade um *sentido* de existência, qual seja: a definição de um aprendizado fundado numa *motivação* participativa e não no decorar determinados "clichês", repetidos semestralmente nas provas que nada provam, nos exames que nada examina, mesmo porque o aluno sai da universidade com a sensação de estar mais velho, com um dado a mais: o diploma acreditativo que em si perde valor na medida em que perde sua raridade."

Arthur Moura

11 de dezembro de 2015